



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Associação e administração—Calçada do Centro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. *Batalha—Lisboa* • Telefone: 17

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA BELA AFIRMAÇÃO

Em lugar de um, fizeram-se algumas dezenas de comícios

Só pela "Batalha", e no próprio dia, foram convidados os trabalhadores a dirigir-se na tarde de ontem aos seus sindicatos profissionais, em harmonia com a resolução tomada na véspera, à noite, pela União dos Sindicatos Operários. Apesar da imprensa burguesa não se ter feito eco dessa resolução, talvez sistematicamente; não obstante se não haver distribuído um simples manifesto ao povo, muitos milhares de operários abandonaram ontem as fábricas e oficinas onde trabalham, partindo em grande número para as sedes das respectivas associações, a exteriorizar o seu indignado protesto contra a sordidez dos senhorios.

"A Batalha", que nas suas colunas, sempre abertas à defesa do povo, lançou o primeiro brado contra os proprietários rapaces; que, desacompanhada de outros jornais, tem dedicado a sua melhor atenção a esta cruzada em que não estão apenas em jogo os interesses do operariado, mas os de toda a população de Lisboa, congratula-se pelo resultado da sua campanha, que há de prosseguir até que os proprietários excessivamente egoístas encolham definitivamente as garras. Razão tem igualmente a União dos Sindicatos Operários para estar satisfeita pela maneira como foi recebida a sua exortação. Não permitiu o governo a realização do anunciado comício, que deveria ser uma manifestação imponentíssima. Pois em vez dum comício, realizaram-se dezenas deles, nos quais os inquilinos unânimes manifestaram o propósito de não consentir na premeditada extorção dos senhorios.

Resta que a população de Lisboa passe das palavras aos factos. E, agora, entrar no domínio dos factos é:

Não pagar rendas mais elevadas que as de 1914.

Ir para a greve do inquilinato, no caso que a êsse movimento seja levada pela ladraçava ganância dos proprietários.

DIÇAM O POVO!

A manifestação que o proletariado de Lisboa ontem levou a cabo, excedeu, pela sua rara importância, a nossa expectativa. Tivamos a impressão de que o comício que a União dos Sindicatos Operários pretendia realizar, e que o governo proibia, havia de ser dos maiores que Lisboa tem presenciado. Mas ao sabermos que a U. S. O. tomara, antecorrendo a uma resolução de prover, logo no dia seguinte e em uma tarde, sessões nos sindicatos, sem para êsse efeito ter realizado a necessária preparação, em mesmo lançar um manifesto, limitando apenas com a larga publicidade de A Batalha para levar importante resolução ao conhecimento do proletariado da cidade arredores, não supuzemos que a manifestação pudesse vir a atingir a grandeza que revestiu. Devo certamente o governo ter compreendido que com a sua medida inepta e reaccionária não foi o objectivo que tinha em mente evitar que a população de Lisboa, num grande gesto, manifestasse o propósito de opor-se, por todos os meios, às repugnantes extorções de que está sendo vítima por parte da maioria dos proprietários.

O governo, que tem permitido que estes elevados desmesuradamente as rendas das casas, fazendo alguns em mais de 100%, conforme temos demonstrado nestas colunas com dezenas de depoimentos; o governo, que consente que os senhorios desrespeitem com toda a semcerimonia a lei do inquilinato, lei que não foi feita pelo operariado, mas pelo Estado, e que os seus mais altos representantes, se quizessem ser coerentes, deveriam fazer observar; o governo, que sabe obrigar pela força a classe trabalhadora a cumprir todas as leis atentatórias dos seus direitos e que até não se preocupa em aplicar-lhe diplomas já revogados—êsse governo que tam brande e para com os ricos, tinha o intuito de impedir que a sacrificadíssima população da capital gritasse o seu veemente protesto contra a legião de parasitas que declarando desejarem obter autorização para elevar em 40% as actuais rendas, já estão arrancando sobrepreciosamente, de uma parte do inquilinato, muito mais do que isso.

Pois uma vez que o povo não pode contar com o governo para impedir que seja tam descaçoavelmente roubado, resolvido está a actuar sozinho para resistir à ganância dos senhorios, conscio de que para tanto se basta a si próprio.

E por assim o compreender é que ontem, ante o convite da União dos Sindicatos Operários, não hesitou em abandonar as oficinas, as fábricas, as obras, dando à ci-

dade um movimento desusado, tendo-se dirigido, não só o elemento operário, mas muitos indivíduos das classes médias, às sedes dos sindicatos a afirmar a sua repulsa pela estulta pretensão dos proprietários.

Entre outros factos duma alta significação verificamos ontem isto, com inenarrável satisfação: não só os operários cujos sindicatos haviam convocado as reuniões correspondentes a tal chamamento, mas também trabalhadores a quem semelhante convite não tinha podido fazer-se por carência de tempo, largaram espontaneamente o trabalho, como sucedeu, por exemplo, com os camaradas das oficinas de Campolide e de Santa Apolónia, pertencentes à C. P.; os dos estabelecimentos fabris do Estado, nomeadamente dos Arsenais, da Exploração do Porto de Lisboa, etc., etc. Todos esses trabalhadores encaminharam para as sedes dos seus sindicatos, onde se organizaram imponentíssimas sessões, e tal era o desejo do proletariado exteriorizar o seu protesto contra os senhorios que um numeroso grupo de populares invadiu a ampla sala da Caixa Económica Operária, ali realizando uma assembleia.

Em face da bela afirmação de protesto ontem produzida pela população de Lisboa, temos o direito de esperar que a multidão que por tal forma se conduziu sabará ir até à greve do inquilinato, se tanto for mister. E bem possível é que o seja.

Falta de espaço

Temos sobre a nossa mesa de trabalho uma verdadeira montanha de original, que não nos é possível fazer inserir no presente número, apesar de constar quatro páginas. E para darmos um relato, ainda que incompleto, das manifestações de ontem, sacrificamos várias secções, sendo uma delas *Pela política*.

Para a paz com a Rússia

**A paz com o sovietismo
parece avizinhar-se.**

PARIS, 24.—A "Folha comum", órgão dos extremistas franceses, salienta diversos sintomas de conciliação com o governo dos "soviets", especialmente a atitude de Lloyd George e tem por certo que uma conferência inter-aliada reunirá proximamente em Londres para estudar a questão russa. A "Folha Comum" declara ter a impressão de que a paz com a Rússia dos "soviets" está para breve.—H.

NA ALEMANHA

A fusão dos partidos socialistas
BASILEIA, 24.—Telegrafia de Berlim que o comité central do partido socialista independente declarou que é impossível a unificação dos socialistas alemães.

Pelo contrário a Agência Wolff anuncia que os partidos socialistas alemães firmaram o pacto da sua união em Dantzig no dia 21 de Novembro.—Rádio.

NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

A revolução dezantrista veio, como todas as outras revoluções perpetradas triunfantemente em Portugal, fazer levantar da mesa orçamental uns tantos comensais, forçados a deixar-se substituir pelos vencedores na grata ocupação de digerir. Mas como os escoraçados, desde que os deixassem à solta e de pulso livre, constituíam um perigo permanente para a tranquilidade dos novos tubarões, vá de guardar à sombra das masmorras aqueles que, perdida a concha, mais decididas disposições mostravam para respingar. As nossas revoluções políticas tem todas os mesmos processos e epílogo idêntico. Da directoria dum qualquer estabelecimento de Estado passa-se para o quarto do Lameiro, sai-se de lá para a reintegração pomposa, e assim sucessivamente. A pontos que, ainda há pouco, projectava um ministro tornar mais confortáveis os calabouços do governo civil, na cautelosa expectativa de, mais dia, menos dia, vitorioso um movimento dos contrários, ir lá parar com os costados. Por modos que, em consequência do triunfo sidonista, muitos foram instalados na cadeia, a receber em penas a compensação que a vida costumada dos gosos disfarçados. Morto, porém, o sidonismo, pelo desaparecimento do seu chefe, eis daí mais volta o volante político e ficam já por cima os que ainda há meses estavam por baixo. Os encarcerados são restituídos à liberdade e para eles se arranjou lugar na grande mesa onde os últimos restos do país vão a trincar. O mais estranho disto é, porém, o facto de estarem resolvidas chorudas indemnizações aos pobres políticos vítimas da revolução de Dezembro. Os que foram presos—submetidos, afinal, ao mesmo intolerante tratamento que adoptavam para os adversários quando se erguiam no poleiro—receberão agora maquia avonida a apagar-lhes da mente as recordações dolorosas dos dissabores sofridos. Quem tem a faca e o queijo nas unhas bem pôde repartir fatias pelas filhas, tanto mais que quem as paga é o compadre, que vem a ser o povo. Mas dá-se o caso de nem só políticos serem perseguidos pelo dezantrismo. Operários honestos, de todo estranhos às manigâncias partidárias, foram também atingidos pela truculência libertina de Sidónio Pais. Especializam-se os rurais de Odemira e Vale de S. Tiago, muitos deles deportados para a África, donde só há bem pouco regressaram, sob a ultrajante categoria de vadios. Ora, pois que presentemente se trata de indemnizações às vítimas do consulado sidonista, menciona o governo indemnizar também, dos tremendos prejuízos que sofreram, os operários perseguidos, deportados, as famílias dos que foram assassinados, os que na África perderam para sempre a robustez, os que ainda hoje sofrem da miséria extrema a que os levou uma clausura prolongada? E' de supor que não, claro está. O regabofe continuará, mas a entrada é reservada. As bestas de carga que nós somos ficam de fora. Pois continuem

UM DIA MEMORÁVEL

Ante o desinteresse do governo pela ganância dos senhorios

o proletariado abandonou, ontem, no seu máximo número, o trabalho, dirigindo-se aos sindicatos profissionais, a tomar parte nas imponentes assembleias que aqueles realizaram

Excedeu toda a expectativa a manifestação de protesto do operariado de Lisboa contra a ganância dos senhorios, pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa promovida. A grande maioria do proletariado abandonou as fábricas, oficinas e obras, convergindo para os seus sindicatos profissionais, tendo-se efectuado, como abaixo noticiamos, dezenas de sessões, onde o povo trabalhador activamente manifestou o seu vivo desejo de lutar contra os exploradores e de exigir dos governantes severas medidas contra eles. Em todos os sindicatos que visitámos se notava o mesmo entusiasmo, o extraordinário número de assistentes, o vigor com que os oradores eram apoiados nos seus energicos discursos.

Lisboa não teve ontem a sua habitual fisionomia; appareceu mais movimentada, com muito mais vida, só se vendo por todos os lados nutridos grupos de operários, que nalguns pontos constituíam enormes multidões, como defronte da C. G. T., e deste jornal, onde se acumularam para cima de 10.000 proletários.

Ficou eloquentemente demonstrado que, a despeito dos embargos levantados pelo governo e das notícias alarmantes da imprensa burguesa sobre uma provável e severa repressão, pela força pública, de qualquer manifestação, a organização operária é a única força que o povo escuta, que o povo secunda, porque sabe que ela é a sentinella vigilante dos seus interesses, porque sabe que ela nunca deixará de erguer o seu veemente protesto contra todas as tiranias e todas as especulações.

O que é necessário, neste momento, e que a multidão que accorreu aos sindicatos profissionais se não esqueça de que, em princípio, a greve geral do inquilinato, não se deve esquecer essa resolução, de cuja responsabilidade todos os que se associaram às manifestações de ontem compartilham, porque possível é que, em face do insaciável apetite dos senhorios, em face do agravamento das rendas das casas, o inquilinato de Lisboa se veja forçado a fazer greve, a não dar mais dinheiro aos detentores dos predios sem que estes se resignem a gozar as suas ambições. E então, quando os organismos operários lançarem o brado de guerra, bastante nos regosjaremos com poder constatar uma unanimidade de acção entre o povo trabalhador como a de ontem, em que ele deu um severo ensinamento ao governo, ensinamento que este não pode esquecer, ensinamento que o deve levar a cuidar energicamente da difícil situação económica das classes produtoras.

Na União dos Sindicatos Operários

Na sede deste organismo e no pátio interior do edificio onde estão instaladas as várias organizações operárias e as no seu banquete os senhores da política. Há festins que tem terminado tristemente. O de Baltazar puzeram-lhe cobro as tremendas palavras: *Mané, Thecel, Pharis*,—que o profeta traduziu pela perturbadora forma que se sabe...

Prof. João de Carvalho

oficinas de A Batalha, realizaram-se duas imponentes sessões.

A massa enorme de trabalhadores que invadiu a sede da União, enchia a larga escadaria de pedra, o pátio e ainda se estendia pela rua fora em compacta aglomeração.

Usaram da palavra os camaradas João Jorge, Victor Martins, Francisco Viana, José Lopes e outros, que se referiram largamente à desmedida ganância dos senhorios, tendo sido apresentada e aprovada por aclamação a moção que noutro lugar publicamos.

Também foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

Considerando que o governo actual, mancomunado com os senhorios, pretende a todo o transe aumentar as rendas das casas; Considerando que o operariado não pode aceitar semelhante absurdo; Considerando que a organização operária, perante tal exploração, que não pode consentir de reagir; A Associação dos Canteiros e Polidores de Mármore propõe:

1.º—Que se proteste contra as autoridades que proibiram o comício público; 2.º—Que este protesto seja publicado nos jornais diários; 3.º—Que se dê todo o apoio à União dos Sindicatos Operários, à C. G. T. e à Batalha.

Depois de encerrada a sessão ergueram-se vários vivas à greve do inquilinato, à organização operária, etc.

Na Federação da Indústria Móvel e nos Operários do Município

Atendendo ao chamamento da U. S. O., paralisaram na tarde de ontem as classes mobiliárias e os operários do município. A' hora anunciada para a reunião, uma multidão imensa invadiu as salas, ávida de conhecer a moção que a Central dos Sindicatos de Lisboa apresentava a sua sanção.

A mesa era constituída pelos camaradas José Teodoro pela União dos Operários Municipais, secretário do Américo dos Santos, pela Oficina Sindical dos Cesteiros, e José Camarinha, pelos Operários Marceneiros, falando o camarada Santos Arranha, pela Comissão Organizadora do Sindicato Unico das Classes Mobiliárias que, expondo os fins da sessão, se regosijou pela afirmação feita pelo operariado da capital, exprobando a atitude do governo, proibindo o comício. Diz não acreditar no pretexto de que se espera uma revolução política, porque, o governo tão lesto para perseguir os operários, não usa o mesmo processo para com os seus antagonistas políticos, demonstrando assim a sua cumplicidade. Apela para que os presentes se disponham, se tanto for preciso, a levar a efeito a greve do inquilinato, como resposta condigna à atitude dos senhorios, e do governo, pois estas duas entidades estão mancomunadas. Segue no uso da palavra o camarada Eduardo Jorge, pela U. S. O., que relata os trabalhos de preparação para o comício, levados à prática pelo organismo que representa que, com a unificação de todo o inquilinato, espera fazer encolher as garras à casta exploradora, criminosamente gananciosa dos senhorios. Justifica a moção da U. S. O., que a numerosa assistência aplaude. Segue António de Oliveira, pela Associação dos Marceneiros. Apeloando para a conjunção de todas as vontades, discorda dos protestos platónicos, á sombra dos quaes se tem cometido todas as vilanias, desejando que, oportunamente, o povo acione de forma não só a não consentir o aumento da renda das casas, como a demonstrar que comprehendem já ter pago de há muito as suas moradas. João de Almeida Rebelo,

pela União das Juventudes Sindicalistas, convida todos os inquilinos a não satisfazer os criminosos desejos dos senhorios e sublocatários; não extranha as violências do governo das quaes destaca a praticada contra os jovens sindicalistas o qual concorreu para o maior incremento das juventudes sindicalistas.

João Jorge, pela Federação da Construção Civil, lembra o aniversário do ineluz movimento contra a carestia da vida e satisfaz-se com a actual afirmação do proletariado, que não quer nem deve pagar mais; alvitra que todos os inquilinos imediatamente afixem nas janelas dos seus tugúrios uns placards, afirmando não pagar aumentos nem sair das casas, alvitre que a assembleia aplaude entusiasticamente.

Seguindo a mesma orientação falam ainda os camaradas José Martins Grilo, pelos Polidores de Móveis; João Medeiros, pelos Torneiros em Madeira, e Bernardino Caetano.

Durante a sessão recebeu-se na mesa a comunicação da prisão de 11 camaradas: 2 marceneiros, 1 torneiro e 8 operários do município.

Finalmente, foram votadas por aclamação, a moção da U. S. O. e o alvitre do camarada João Jorge, findando a sessão cerca das 19,30, saindo a multidão, que foi aumentada pelos camaradas gráficos que aguardavam na rua os operários da indústria mobiliária e os operários do município, constituindo ao todo uma aglomeração dumas 3.000 pessoas.

Já estavam nessa altura em estado de sítio as circunsvisinhanças, e quando os operários de todas as classes confraternizavam na rua com a satisfação do dever cumprido, surgiu, vinda da rua da Atalaia, uma força de guarda republicana sob o comando dum alferes, força que vinha em atitude provocadora. A essa provocação responderam os operários abrindo alas para que passasse a força, gesto de delicadeza que não agradou aos soldados que se arremessaram de espada em riste, distribuindo algumas pranchadas com fúria canibalesca.

Na Federação das Classes Marítimas

Na sede dos sindicatos marítimos, á calçada S. João Nepomuceno, realizou-se uma sessão convocada pela Federação Marítima. Presidiu o camarada Carvalho, presidente da associação dos fragateiros, secretário por Alfredo de Oliveira Mendes e Julio da Conceição. Sobre o planeado aumento das rendas e sobre a proibição do comício, usaram da palavra Carlos de Araújo, pela U. S. O.; Antonio Henriques, Manuel de Almeida, etc. O delegado da União dos Sindicatos Operários de Lisboa justificou largamente a moção que aquele organismo apresentou á sanção do povo operário de Lisboa, sendo unanimemente aprovada.

A sessão encerrou-se por entre vivas á U. S. O., á Batalha e á greve geral do inquilinato.

Pessoal da "Regie" da Companhia dos Tabacos

Nas fábricas desta Companhia foi ontem absoluta a paralisação, tendo-se realizado uma sessão na associação do pessoal da "Regie", presidindo Joaquim José da Rocha, secretário por Joaquim Pedro e pela companheira Maria Amélia dos Santos. Apreciaram a questão dos senhorios e verberaram o procedimento do governo, proibindo o comício anunciado para ontem, os camaradas Joaquim José da Rocha, Saul Pa-

coldino Fernandes e Jorge Santana, de pois do que foi unanimemente aprovada a moção da U. S. O.

No Arsenal da Marinha

Os operários deste estabelecimento do Estado, que á tarde abandonaram o trabalho, realizaram uma sessão no seu sindicato, na calçada da Graça, tendo usado da palavra vários camaradas, entre eles Cristolino Gonçalves e António Rafael, sendo aprovada por aclamação a moção da U. S. O. A assistência resolveu depois dirigir-se á Associação do Pessoal do Arsenal do Exército, a fim de se associar á manifestação de protesto destes camaradas.

A moção votada nas sessões

E' do seguinte teor a moção aprovada, ontem, nos sindicatos operários de Lisboa:

Considerando que os proprietários estão na disposição de fazer novos aumentos, forçando o governo a que lhes consinta sobrecarregar as já exageradas rendas de habitação;

considerando mais que o proletariado de Lisboa não pode nem deve pagar mais pelas suas habitações, porquanto é já exageradamente espoliado, não só pelo comércio usurpador, como ainda pelos proprietários egoístas;

considerando ainda que a União dos Sindicatos Operários de Lisboa tem tratado desta questão com assêrto e boa vontade;

Os trabalhadores, reunidos em sessão pública no dia 27 de Novembro, resolvem:

1.º Protestar contra todos os aumentos de renda da habitação até á data feitura, quer por proprietários, quer por sublocatários e não pagar qualquer aumento que os mesmos lhes queiram impor, nem abandonar as moradas que habitam, ainda que os proprietários se valham de ardis e artimanhas;

2.º Dar todo o seu apoio moral e material á U. S. O. de Lisboa e á comissão pela mesma nomeada, para que continue tratando do assunto, no sentido de que as rendas das habitações voltem ao preço que tinham em 1914;

3.º Votar em princípio a greve geral do inquilinato, para a realização da qual usará dos meios necessários, greve que será proclamada quando a U. S. O. a julgar conveniente e oportuna;

4.º Mais resolve dar conhecimento ao governo, por intermédio da comissão nomeada pela União, de todas estas resoluções.

(Ver na 2.ª página mais notícias).

A HIPOCRISIA

Encantadora, deliciosa, sedutora, cativante. Como ela é cortês, lambanuda, e ao mesmo tempo poderosa, ciclopica, duma solidez que, se não é positivamente capaz de resistir a todos os vasos, é capaz de resistir, por exemplo, à explosão de cólera mais violenta, e de levar, pela calada, sossamente, mas com firmeza, a água ao seu molinho. É uma força indestrutível, tão real, tão verdadeira, que não há exercício nem general, nem estratégia que lhe ganhe. É traçoira, falsa, anavalha pelas costas, depois de ter sorrido amavelmente à vítima, e é um poder social, tão fortemente organizado e tão habilmente explorado, que gera guerras e produz catástrofes as mais pavorosas. Reunida ao dinheiro forma a mais formidável alavanca que tudo subverte num momento; aliança sinistra, fecundamente perversa, que desempenha na sociedade actual o papel mais venenoso e simultaneamente mais carioso.

Com que despreendimento e com que inconsciência ela se pavoneia no final dum cartão de visita, duma carta ou num officio ministerial! Ora é o «amigo certo e obrigado», que agradece um bilhete para o teatro; ora é o «valente, venenoso», que solicita toda a atenção, «o seu bom acolhimento» ao caixeiro viajante; ora é o «Deus guarde a V. Ex.ª», do calão burocrático, destinado a uma pessoa cuja saúde é tão estranha e tão belamente indiferente ao mangá de alpaca como a pena com que o sr. de La Rochefoucauld escreveu as suas «Máximas»; ora são as mil e uma frases que o uso consagrou e a hipocrisia de hoje, tão interessante como a de ontem, mantém com todas as ganas e defende como a loba defende os filhos. É ela que, pergunta, com uma solicitude ridícula e inverosímil, pela nossa saúde e pela da nossa família, como se isso fosse coisa que pudesse interessar alguém que nos conhece por nos ter encontrado duas tardes na tabacaria ou de ter ficado ao nosso lado, uma noite, no cinematógrafo; é ela que, punzantemente, com o modo mais gato-pingado deste mundo, lamuriente e de lágrima no canto do olho, expressa os «seus sentimentos» pela morte dum tio rico; é ela que, reverenciadora e contumeliosa, nos felicita pelo motivo mais banal; é ela, sempre ela que, amável, risante, alegre, bem-disposta, se sente extremamente sensibilizada e desvanecida com uma visita, quando os visitantes estão

preparados para sair e quando, fatalmente, a insólita aparição lhes causa fúria e calafrios, impedindo-os de chegar a horas ao ponto aprazado. O pobre visitante não se apercebe disso, e é verificado como os outros, supinamente tolos e tolaemente supersticiosos, voltam os bancos de pernas para o ar, na esperança de porem a andar incontinentemente essa figura horrível, peçadelo atroz que faz bater tantos pés, de impaciência, enquanto as bocas sorriem com tanta encantadora e galante sorriso que obriga o desgraçado, bem contra sua vontade, porque também tem onde estar a horas certas, a fazer um pouco mais de sacrifício em companhia de tão interessantes e gentis criaturas, a quem, por certo, a sua conversa agrada extraordinariamente.

É ela ainda — e não o preconceito — pelo receio de parecer mal e de se tornar reparada, que tira, respeitosa e recolhidamente, o chapéu à passagem dum enterro, não porque lhe afete a sensibilidade o facto de levarem ao cemitério uma pessoa que pode muito bem ter deixado a vida por sua livre vontade e sem sugestões do que quere que fosse, mesmo dum bronquite ou duma pneumonia, mas porque lhe agrada patenter bem aquilo que não é. É ela que bota fúnebre gravata e fumo no braço, como quem põe um palito na boca a anunciar que jantou, pelo passamento dum parente que deixou cinquenta contos, e a quem, por isso mesmo, manda ao diabo de presente por não ter morrido mais cedo.

Mas com todos os seus defeitos, com todos os seus vícios que, quando mais a civilização marcha, mais progridem e se espalham, não há ninguém que seja capaz de se furtar ao imperio verdadeiramente despótico e ditatorial dos seus decretos e das suas decisões, ainda mesmo aqueles que se julgam mais desempoiados de cêrebro e, por consequência, menos expostos à sua tirania. Parece que há uma força oculta, mas consoladora, que impelle a humanidade para a mentira, talvez na ilusão falaz de que, mentindo à consciência, esta acabe por consentir-se de que perlice a criaturas sãs de espírito e de respeitável puritanismo quando, bem somadas as contas e tiradas, ao menos, a prova dos nove, se verifica que somos todos, a esse respeito, uns autênticos patifes.

Antero de LIAM.

Uma circular da C. G. T.

Aos Sindicatos, Federações e Uniões

Presados camaradas. — As inúmeras observações feitas ao secretário geral desta Confederação, em toda a província, relativas aos embargos de via pública, que cada Sindicato tem que lutar para regularizar o serviço de cobrança em conformidade com o disposto no estatuto confederal e ainda as que na capital têm sido feitas pelas Federações de Indústria, levaram o Comité Confederal a alterar sensivelmente a forma como a cobrança sindical, federal e confederal deve ser feita.

Primitivamente atendeu-se à circunstância de serem variadas as cotas com que os sindicatos contribuem semanalmente para os seus sindicatos, assim como as dotes para as suas federações, etc., e que determinavam a necessidade de cada sindicato e federação possuírem os seus selos particulares com a designação do valor das respectivas cotas.

Tal processo, porém, exigia uma maior soma de trabalho e de despesa a cada corporação e uma confusão maior na distribuição dos três selos ao fim de cada mês, para os cobradores, directores e federações.

Atendendo-se, pois, a todas estas razões, ficará a cobrança a ser feita com um só selo, semanal, o selo confederal, sem designação de quantia. Cada federação — se esta tem estabelecido a cotação de sindicato e federação englobada — ou cada sindicato — se este não tem ainda federação — inscreverá no alto de cada página destinada à prestação dos selos, uma sobre-carga, a tinta encarnada, com a designação do valor da respectiva cota.

Nesse valor fica incluída a percentagem semanal correspondente à cota com que cada sindicato tem de contribuir para os organismos federais e confederais, todos os meses, de harmonia com as decisões do Congresso de Coimbra.

Os selos serão distribuídos pela Confederação, mediante requisição das respectivas direcções dos Sindicatos, por intermédio das suas Federações do território ou das Federações locais, e pelos isolados e nacionais, directamente.

Esta decisão do comité acarreta-lhe um aumento de despesa. Justo é, pois, que cada organismo confederado contribua com uma pequena percentagem para auxiliar a despesa, e isso não constitui sacrifício, pois cada Sindicato ou Federação teria que fazer igual despesa ou superior com a aquisição da chapa de impressão e com os respectivos selos.

O Comité Confederal cobrará de cada sindicato, proporcionalmente, o que gastar com os selos que vão além daquelles que era forçada a fornecer ao fim de cada mês.

As cadernetas confederais serão igualmente fornecidas pela Confederação, mediante requisição, acompanhada da importância correspondente ao seu custo.

Esta decisão foi tomada pelo Comité Confederal, em virtude de, por toda a província, ser demonstrado esse desejo, e ainda porque resultam mais baratas, além da economia de esforços

É, pois, necessário que as direcções dos Sindicatos enviem já ao Comité Confederal as suas requisições, para se irem mandando confeccionar a tempo de as receberem para procederem à sua distribuição, pois o uso da caderneta confederal tem o seu início na primeira semana de Janeiro.

O Comité Confederal insiste com todos os organismos para que envidem os máximos esforços no sentido de serem enviadas as adesões com a possível rapidez, respeitando integralmente as condições expostas na circular n.º 1.

Lisboa, 26 de Novembro, de 1919.

Manuel Joaquim de Sousa.

(Secretário geral)

O Comité Confederal convida os organismos sindicais do país a quem a presente circular é dirigida, a tomar as suas deliberações sobre a mesma, sem estarem à espera de a receberem, o que poderá levar ainda dias, e o tempo urge. Com a sua publicação todos devem considerar como tendo-a recebido.

A agitação social em Espanha

A greve geral mantém-se em Saragoça

MADRID, 26. — Em Saragoça as indústrias continuam paralisadas, estando abertos os armazéns. Só circulam veículos de médicos e carros que transportam viveres.

O governador de Barcelona, que se acha em Madrid, declarou que o Sindicato Unico de Barcelona se dissolve e se reconstituíram os sindicatos profissionais. O governador calcula que a acção do governo actual se traduziria em resultados benéficos para Barcelona. — H.

Conselho Jurídico da C. G. T.

O advogado do Conselho Jurídico, o nosso amigo dr. Sobral de Campos, dará consulta no próximo sábado, pelas 21 horas.

Vadios da classe baixa

Foram ontem julgados no governo civil, accusados de vagabundagem, Manuel Casimiro Dias, de 53 anos, de Lisboa; José Maria Pedrosa, 38 anos, de Lisboa, sendo absolvidos. Manuel Nunes da Silva, de 19 anos, de Lisboa, e Manuel Pereira, de 21 anos, de Lisboa, que foram condenados a serem entregues ao governo.

Carteira furtada

Tendo furtado ao nosso camarada João Gomes, operário da construção civil, rua do Rato, de 15 anos, sapateiro, residente na rua Conde das Antas, 6, que na Rotunda, foi agredido por um outro menor da sua idade, que o feriu na parte esquerda da cabeça, com uma faca.

Entre menores

Desordem à facada. No Banco do Hospital de S. José, foi pensado, segundo depois para casa, António Ruiz, de 15 anos, sapateiro, residente na rua Conde das Antas, 6, que na Rotunda, foi agredido por um outro menor da sua idade, que o feriu na parte esquerda da cabeça, com uma faca.

As sessões de ontem contra os senhores

Na Federação do Livro e do Jornal

Promovida por esta Federação, realizou-se na sede dos sindicatos gráficos uma sessão de protesto contra o pretendido aumento das rendas de casa e carstia da vida, que decorrença de entusiasmo e com as salas repletas de trabalhadores.

Presidiu a sessão, como representante da Federação do Livro e do Jornal, o camarada Alfredo Neves Dias, que, depois de expor os fins da reunião, declarou que este organismo mostrava o seu acatamento às resoluções da União Local dos Sindicatos, e que, integrada na organização, a secundava com o máximo de entusiasmo. Esse camarada deu, em seguida, a palavra ao camarada Marvão, delegado da U. S. O., que expôs os fins que a levaram a promover as sessões nos vários sindicatos, estigmatizando o procedimento do governo, que, proibindo o comércio de protesto contra o aumento das rendas de casa, provou mais uma vez estar inteiramente ao lado dos exploradores do povo trabalhador.

Fizeram uso da palavra vários oradores, entre eles Alfredo Pinto, José Lopes, Delim, Ferreira, Augusto Sousa, Gil Gonçalves, Francisco Cristo, Manuel de Almeida, Francisco Direitinho e João Jorge, que, dum forma incisiva, escalpelizaram a podridão da sociedade burguesa em todos os seus aspectos, pondo em relevo a acção que todo o trabalhador consciente tem de exercer para se emancipar da tutela que dia a dia o vexe e oprime.

Foi aprovado um protesto contra a atitude do governador civil, proibindo o comércio público, cujo impedimento não tem razão alguma plausível. No meio do maior entusiasmo, também foi aprovada, por aclamação, a moção imputada da U. S. O., terminando a assembleia com vibrantes vivas à organização operária, à C. G. T., U. S. O. e gritos de abaixo os exploradores do povo trabalhador.

Momentos antes de terminar a sessão, verificou-se na rua enorme aparato bélico, vindo-se muita cavalaria da guarda municipal, o que justamente indignou os trabalhadores — que conscientemente e num legítimo direito de reatuação — cometendo as suas costumes das selvagens, distribuindo cuteladas a quem transitava, como remédio eficaz, no estreito critério das consciências autoritárias, para manter a ordem burguesa.

No final da sessão foi aberta uma quete em auxílio dos jovens sindicalistas, que rendeu \$300.

Nas classes metalúrgicas

Estas classes, que após a remodelação da sua organização sindical, mais se avigoraram para as lutas sociais, responderam dum forma brilhante ao apelo da U. S. O., tendo paralizado as fábricas mais importantes, bem como inúmeras serralherias e pequenas oficinas metalúrgicas. Assim, foi imponentíssima a sessão realizada no Sindicato Unico Metalúrgico, como protesto contra a proibição por parte do governo, do comércio promovido pela U. S. O. contra o aumento das rendas das casas.

As salas, corredores e mais dependências da sede, estavam repletas de metalúrgicos e a aglomeração era tal, que a multidão se estendia até à rua, que estava completamente pejada.

Presidiu o secretário geral do Sindicato, o velho camarada Joaquim da Silva, secretariado pelos camaradas José de Sousa Duarte e José Máximo, fazendo ao abrir da sessão um discurso de ataque à propriedade privada e à forma como os governantes vem de longa data protegendo com leis os detentores da propriedade e do capital.

Fizeram uso da palavra os camaradas Raúl Baptista, Júlio de Matos e o camarada Carlos de Araújo como representante da U. S. O. e portador da moção que depois de lida foi aceite pela numerosa assistência, para nela incidir a discussão.

Sobre a doutrina da moção falou o camarada Peixe, que pronunciou um discurso de incitamento à resistência de todos os inquilinos, que se devem negar ao pagamento dos aumentos, fazendo a apologia da greve do inquilinato e aconselhando os trabalhadores a que, quando pretendam fazer qualquer movimento de protesto contra os afopeios e exploração da burguesia, não se detinham ante os trucos dos governantes, que alegam existirem pretendidos movimentos políticos.

Usaram por fim da palavra os camaradas Armando da Conceição e José Pires, que vergastaram a acção parcial dos governos quando se trata da defesa dos trabalhadores e do ataque das classes capitalistas, aventando a ideia de que todos os presentes deveriam constantemente promover pequenos comícios nas suas moradias, a fim de que toda a vizinhança se preparasse para a resistência aos assaltos dos senhores e, consequentemente, para a greve do inquilinato. Tendo sido aprovada por aclamação, e pela numerosa assistência que se encontrava nas salas e mais dependências a moção com todas as suas resoluções, por alvitre do camarada Raúl Baptista, foi a mesma lida da janela para que a grande massa de metalúrgicos que se encontrava na rua dela tivesse conhecimento e desse a sua aprovação, o que fez cheia de entusiasmo, aos vivos à organização operária e abaixo aos detentores e exploradores da propriedade.

Na Secção da Construção Civil do Alto do Pina

Em obediência às deliberações da U. S. O., efectuou-se neste organismo, pelas 15 horas, uma sessão pública de protesto contra a proibição do comércio contra o projectado aumento das rendas de casas.

Compunham a mesa os camaradas Joaquim Dias, Américo dos Santos e Mário da Silva. Aberta a sessão, estando as salas repletas de camaradas, foi dada a palavra ao camarada Américo Santos, falando em seguida o delegado da U. S. O., que apresentou uma moção tendente a dar o proletariado do Alto do Pina todo o seu apoio moral e material à U. S. O., para que esta prossiga no seu movimento contra o aumento das rendas das casas. Falaram em seguida os camaradas José Figueiredo, José Luis

dos Santos, Joaquim Vitorino, Tomás dos Santos e Américo dos Santos. Todos os oradores apreciaram a situação económica do proletariado, demonstrando a oportunidade do movimento iniciado pela U. S. O., e a necessidade e proximidade da Revolução Social.

Sobre o alvitre do camarada Américo dos Santos, foi nomeada uma comissão para a formação da liga de inquilinos e consumidores do Alto do Pina, sendo nomeados para esse efeito os seguintes camaradas: Rui Vitor de Castro, José de Figueiredo, Gaspar Manuel, Américo dos Santos, Francisco António Marques, Mário da Silva e Joaquim Dias.

Por último, foi marcada a primeira sessão para a formação da Liga dos Inquilinos e Consumidores, para segunda-feira, 1 de Dezembro. A sessão foi encerrada no meio de vivas à C. G. T., U. S. O., a toda a organização operária, à Juventude Sindicalista e à Rússia Vermelha. As centenas de camaradas que se comprimiam nas instalações da secção do Alto do Pina, espalharam-se em seguida por aquele bairro, pondo uma desusada nota de vida e animação.

Nos Fabricantes de Armas

Com as salas completamente apinhadas, realizou-se ontem nesta associação, pelas 14 horas, uma sessão de protesto contra o procedimento dos senhores e sublocatários.

Aberta a sessão, o presidente manifestou a sua satisfação pelo facto de a classe arsenalista corresponder com a sua solidariedade ao apelo da U. S. O., testemunhando assim mais uma vez a sua coesão para com a organização operária, sentindo-se orgulhoso por pertencer a uma classe com tão alta consciência colectiva.

Em seguida, fala o camarada Carlos Antunes, que de uma maneira entusiástica se referiu à decadência da presente sociedade, que, com o seu procedimento criminosamente egoísta, mais acelera a sua derrocada, espalhando-se em várias considerações, flagelando de uma maneira mordaz a ganância sem limites de todos os proprietários, apelando para que os trabalhadores neste momento se mantenham unidos, a fim de que o ataque seja mais cerrado.

Artur Inácio, seguindo na mesma ordem de considerações, declarou que o momento é de intensa luta, mas nem por isso deve deixar de ser reflectida, a fim de que os trabalhos obtenham o êxito desejado.

Cristiano de Lima, com o seu calor de jovem, história a miséria que todos os trabalhadores veem sofrendo e que, tendo chegado ao limite máximo, demonstra a necessidade de todos se unirem para que, num protesto unânime e bem norteado, possa ser libertada a humanidade sofredora. Entende que se não pode nem deve pagar mais, nem tampouco sair-se das casas ocupadas.

Eváristo Esteves ataca o desmedido egoísmo de todos os comerciantes e empregados, considerando como os mais criminosos, os senhores, entendendo que todo o inquilinato deve opor uma resistência tenaz contra esses seres vis, não desfalando os trabalhadores, de modo que os aumentos se não realizem, nem tampouco as casas se desocupem.

Júlio Luis felicita a classe pela maneira unânime como ocorreu ao apelo do seu sindicato, lastimando que as salas não comportassem todos os arsenalistas. Sentiu-se entusiasmado, ao constatar que a classe operária está disposta a resistir à desenfreada ganância desses seres que tem vivido à custa do sofrimento alheio, elogia a U. S. O. pela maneira inteligente como soube encaminhar o movimento presente, e faz votos para que a classe operária não desanime, mantendo-se nesta atitude quanto à satisfação de quaisquer aumentos, sem sair das habitações onde reside.

Alberto Baptista, delegado da U. S. O., manifesta-se dum forma entusiástica contra a exploração de que veem sendo vítimas todos os deserdados, concluindo por apresentar uma moção em nome da U. S. O. que foi aprovada por aclamação.

Artur Lopes da Silva, do Arsenal de Marinha, e Augusto Peres Ferreira, verberam da mesma forma quanto de infame e insensato tem sido o procedimento de todos os que tem enriquecido à custa dos sofrimentos de todos os trabalhadores.

A sessão encerrou-se no meio do maior entusiasmo, depois de ter sido também aprovado um protesto contra a expulsão dos nossos camaradas da República dos Estados Unidos do Brasil.

No Sindicato Ferroviário

A comissão administrativa do sindicato ferro-variário da C. P. não convidou, devido à falta de tempo, os ferroviários a abandonar o trabalho. Todavia, o pessoal operário do Depósito de Campolide, oficinas gerais e oficinas de Alcântara, numa manifestação espontânea abandonaram o trabalho, tomando o comboio para o centro da cidade, cantando a Internacional, o hino da Batalha e dando vivas à Revolução Russa e à C. G. T. Uma vez em Lisboa, aquela grande massa humana dirigiu-se para o Sindicato Ferroviário, celebrando uma imponente sessão. Fizeram uso da palavra, o delegado da U. S. O., Guilherme Artibeiro, Manuel Soares, pela Federação da Construção Civil; Bernardino Fernandes, Carlos Marques, Adelino Augusto Ribeiro, Joaquim de Abreu e outros operários ferroviários. No final foi aprovada por aclamação a moção da União dos Sindicatos operários de Lisboa.

Nos Profissionais Culinários

Estes camaradas, que se encontram há alguns dias em greve, em defeza do horário de 8 horas, que o patronato não quer respeitar, redulmaram ontem em sessão de protesto contra a carestia dos alimentos, sancionando a moção da U. S. O.

Nos Operários Alfaiates

Reuniu a comissão administrativa de este sindicato, resolvendo lavar o vemente protesto contra a proibição do comércio contra os senhores gananciosos, lamentando a ausência dos operários alfaiates em não acorrerem ao convite da U. S. O.

Nos Operários Alfaiates

Reuniu a comissão administrativa de este sindicato, resolvendo lavar o vemente protesto contra a proibição do comércio contra os senhores gananciosos, lamentando a ausência dos operários alfaiates em não acorrerem ao convite da U. S. O.

THEATRO SÃO LUIZ

O mais alegre espectáculo é o PEDE MEIA ampliado com o fabuloso acto de O RÓCIO

Aumenta o preço do encenado, A's putitas, ao feijão, Sem fêla d'isso augmentado Ser de pezo, ou de estendido, De-se, um fenómeno estranho No PEDE MEIA, invulgar: Ajudado a peço a tamanho, Em vez do preço augmentar!

Nos Operários da Companhia dos Fósforos Lisboenses

Em sessão de protesto contra a ganância dos senhores, reuniu ontem em grande número, esta classe. Como os camaradas da comissão administrativa deste sindicato, souberam que se encontravam no local delegados da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, foram ao seu encontro, para que fossem a essa sessão apresentar a moção da U. S. O. Os delegados acederam a esse pedido, usando da palavra o delegado José dos Santos, que começou por fazer sentir o seu descontentamento pelo procedimento dos camaradas da Fábrica dos Fósforos, que não abandonaram na totalidade o trabalho, ao contrário das restantes classes, fazendo ainda várias referências à moção, a qual foi aprovada por unanimidade, tendo feito também uso da palavra os camaradas Joaquim Gonçalves, Cândido Fernandes, João d'Almeida e muitos outros.

A sessão encerrou-se aos vivos à Batalha, à C. G. T. e à emancipação dos trabalhadores, sendo também aprovada uma moção apresentada por três camaradas manipuladores de fósforos, comprovando que essa classe, d'alí em diante, está ao lado da U. S. O. sempre que seja necessário, moção cujo teor é o seguinte:

Os operários dos Fósforos Lisboenses, admitidos depois de 25 de Abril de 1890, romanos em assembleia extraordinária de 27, sem se esquecerem os motivos que levaram o governo a não permitir o comércio que vinha sendo preparado pela União dos Sindicatos Operários, o comício que se deu contra toda a manobra sordida dos gananciosos senhores e sublocatários, os quais despoitadamente nos querem sugar a última gota de suor, visto que já o próprio sangue nos bebem, resolvem:

1.º — Protestar energicamente contra a proibição do comércio; 2.º — Saudar A Batalha e toda a operação que em volta do seu espírito alguma, tão nobremente se tem batido contra toda a casta ignóbil dos assambradores, que se encontram possuídos dum febre devoradora de nos tragar os ossos e acabar com a vida dos nossos filhos, deixando-nos toda a casta de generos piores, que vendem por preços fabulosos; 3.º — Oporem-se por todas as formas ao seu alcance, a que o governo sancione os tentáculos planos dos senhores; 4.º — No caso de tal iniquidade se efectivar, que todo o operariado não pague mais um real sequer, pelas moradias, e no caso que o senhorio lhe ponha os móveis na rua, recolter-se contra isso até ao último estorço; 5.º — Que todos os operários se unam em volta do seu órgão defensor — A Batalha, e todos os mais que defendem exclusivamente a nobre causa dos trabalhadores, ajudando-os a continuar contra a casta ignóbil de ladrões, que a coberto de todos os pretextos nos querem acabar de estrangular a classe proletária; 6.º — Que seja conterido um soldo de lavour a classes, jornais e a classe operária de todo o mundo.

Nos Trabalhadores Rurais de Lisboa

Também os camaradas rurais dos arredores de Lisboa se manifestaram, abandonando o trabalho em grande número, dirigindo-se para o seu sindicato, ao Campo Grande, onde se celebrou uma imponente sessão, tendo usado da palavra os camaradas António da Costa Neto, Justino Ferreira e Manuel Maria, como delegados da U. S. O. Foi detidamente discutida a moção apresentada por aquele organismo, moção que foi aprovada por entre grande entusiasmo.

Nos Hospitais Cívicos Portugueses

Realizou-se na passada segunda-feira, na sede desta associação de classe, uma sessão magna de protesto contra o aumento de rendas de casa. Falaram diversos oradores, atacando a forma como o governo pretende resolver o magno assunto da carestia da vida, protestando contra a gananciosa exploração que da parte dos senhores, se vem fazendo sobre os inquilinos. Por último, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Dar a sua adesão ao movimento encetado pela U. S. O. contra a gananciosa exploração dos senhores; 2.º Fazer-se representar no comício de quinta-feira; 3.º Fazer entre a classe a maior propaganda contra o aumento e bem assim contra aqueles que, à custa das nossas depauperadas bolsas, tem feito fortunas fabulosas.

Nos Mecânicos de Aquear

Reuniu esta classe, cerca das 10 horas, em assembleia magna, tendo aprovado, após discursos repassados de entusiasmo, por diversos camaradas, a moção da U. S. O., de protesto contra a ganância dos senhores e reclamando do governo energias providências.

Na Amadora e arredores

O povo operário deste florentescente arrabalde, não quiz deixar de secundar o movimento da U. S. O., tendo feito paralisar todo o trabalho não só na Amadora mas ainda em Bemfica. Na Associação da Construção Civil efectuou-se uma sessão magna, a que assistiram cerca de 1.000 camaradas, tendo, além de outros operários, usado da palavra um delegado da U. S. O., camarada Carlos Vicente, que apresentou a moção elaborada por aquele organismo, que unanimemente foi aprovada.

Nos Manufactureiros de Calçado

Accedendo ao convite da U. S. O., da Associação de classe dos Manufactureiros de Calçado e dos Operários Chapelários, a maioria destas classes, reuniu ontem, pelas 15 horas, em assembleia magna, nos seus sindicatos, que tem sede conjunta.

A vasta sala estava repleta, não chegando para conter a numerosa assistência, que se estendia pelos corredores e escada. Usaram da palavra Jerónimo de Sousa, Guilherme Artibeiro, pela U. S. O., e outros camaradas. Entre os assistentes notavam-se muitos marinheiros e soldados, que se manifestaram calorosamente contra a ganância dos senhores. Por fim, foi aprovada a moção da U. S. O., por entre vivas à C. G. T., à Revolução Russa, etc.

Na secção de Palma e arredores

A concorrência foi enorme. Depois de falarem vários oradores, usou da palavra o delegado da U. S. O., apresentando a moção deste organismo, que foi aprovada por aclamação.

ULTIMAS NOTÍCIAS

O "pacifismo" dos aliados

O Japão vai aumentar fortemente a sua frota de guerra

NEW YORK, 26. — Seguindo a imprensa do Japão, o governo japonês tornou público o seu programa naval, que terá de desenvolver-se num período de oito anos. O orçamento está calculado em 824 milhões de dólares, tendo-se decidido, entre outras, a construção de 4 navios de 40.000 toneladas, 4 cruzadores, 20 cruzadores ligeiros, 80 destróyers e 70 submarinos. — Rádio.

NA HUNGRIA

Os aliados reconhecem o governo provisório

PARIS, 27 (T. S. F.). — O sr. Clerc enviou uma nota ao novo governo húngaro, na qual declara que está pronto, em nome do Conselho Superior da Paz, a reconhecer o governo Provisório com o qual o Conselho está disposto a negociar até ao momento em que, pelas eleições para a Assembleia Nacional, um Governo se constitua sobre a vontade legal e livre de todo o povo húngaro. — Rádio.

Uma entrevista com o ministro da guerra

VIENA, 26. — O dr. Friedrich, ministro da guerra do gabinete Hussard, foi entrevistado pelo correspondente em Budapest da Neue Presse.

O jornalista vienense teve com ele o seguinte diálogo:

— Qual é a vossa opinião sobre a futura sorte da Hungria?

Friedrich respondeu: eu sou realista e nada mais.

— E quem deverá ser o Rei da Hungria?

Não tenho a menor preferência. Considerar-me hei mais satisfeito com o que preste melhores serviços à Hungria.

E quando o jornalista lhe perguntou: Então julga V. que virá um Habsburgo? Friedrich, sorridente, respondeu: Não posso ainda dizer nada a este respeito. — Rádio.

Pelo camarada João Caldeira foi apresentada uma proposta para que todos os inquilinos de Palma e arredores afixassem nas suas janelas e portas um placard dizendo: Não saímos nem pagamos aumentos.

Depois de encerrada em a sessão o povo dispersou, erguendo calorosos vivas greve do inquilinato.

Pessoal da Carris de Ferro

Esta classe reuniu em assembleia magna pelas 20 horas, aprovando, depois de vários oradores terem verberado a ganância dos senhores, a moção da U. S. O.

Uma sessão improvisada na Caixa Económica Operária

Algumas centenas de operários, da Graça e S. Vicente, como todos os sindicatos estivessem repletos, deliberaram ir à Caixa Económica Operária, solicitando a cedência da sala de sessões, improvisando; então, uma assembleia para apreciar a questão dos senhores, tendo falado alguns camaradas, sendo também unanimemente aprovada a moção da U. S. O.

Manifestação dos Jovens Sindicalistas

Os jovens sindicalistas, em número superior a 1.000, andaram ontem pelos sindicatos operários saudando calorosamente os trabalhadores reunidos. Pronunciaram-se calorosos discursos das janelas das associações, sendo inúmeras as confraternizações entre os manifestantes e os operários reunidos. Em todos causou a melhor impressão esta entusiástica manifestação da mocidade operária.

O que dizem os jornais da noite

A Capital, noticiando o glorioso movimento operário de ontem, dizia:

Proibido pelo governo o comércio operário anunciado para hoje no Parque Eduardo VII, resolveram as classes proletárias realizar sessões em todas as sedes das suas associações ou sindicatos. Em conformidade com tal resolução, as classes operárias, na sua grande maioria, abandonaram o trabalho pelo meio dia, convergindo às suas associações, onde nas sessões estavam marcadas para as 14 horas.

Pelas 14 horas era verdadeiramente extraordinário o numero de operários que se aglomeravam na Calçada do Combro, junto ao antigo edificio do Correio Geral, onde se acham instalados os escritórios do jornal A Batalha e as sedes da C. G. T. e U. S. O.

O Seculo, edição da noite, concretizava a sua impressão dos acontecimentos nas seguintes linhas:

Em virtude da proibição do comércio anunciado para hoje e das medidas adoptadas pelo governo, as organizações operárias resolveram respeitar essas determinações e recomendar aos seus prosélitos o abandono do trabalho, à tarde, e a reunião em massa nos respectivos sindicatos, para se discutirem as moções respeitantes à carestia da vida e do inquilinato e à lei das 8 horas de trabalho que estavam para ser discutidas no comício.

O movimento começou pelo meio dia e pouco depois, já numerosos grupos de operários se viam por todas as ruas da cidade, tendo-se organizado comissões para impedir que o trabalho continuasse nos pontos onde os indiferentes e os que não estavam dispostos a seguir a recomendação continuassem a trabalhar.

Notas várias

Do Parque Eduardo VII saíram todos os operários ao meio dia e não voltaram ali, nada se tendo ali passado de anormal.

Os operários das obras do Manicó Bombarda, ao Campo Grande, abandonaram o serviço e vieram pelas obras particulares das proximidades convidando os seus camaradas a acompanhá-los. Nos Bairros Sociais, ao Arco do Cego, o mesmo se passou, tendo sido dali pedido o auxílio da polícia, para proteger alguns que queriam ficar, mas não encontrando já operário algum quando ali cheguem.

O pessoal das obras de S. Vicente abandonou o edificio, em massa, ficando só ali os mestres e os chapeiros.

A maioria dos operários da fábrica de

A BATALHA
NA PROVÍNCIA
NOS ARREDORES

N.º 273 de A BATALHA Folhetim N.º 8

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

VIII

—Ehl Barthomeny, armazemista do diabo—gritou um leitor de Alexandre Dumas—vamos a ver essa lista e diz-nos como andamos de alfaias agrícolas.

—Aqui está! Aqui está!—disse o aludido, que se apresentou levando em triunfo por dois companheiros de bom humor. —Eu já sabia que seria necessária a lista. Esperai um momento.

E tirando um caderno da bolsa, começou a consultá-lo.

—Quanto a ferramentas... Eis aqui: tenazes, serras, martelos...

—Mas para que queres os martelos? Já viste eles servirem para plantar couves?

Forgeot continuava demonstrando o seu espírito.

—Fecha a boca—disse um—se não tens alguma coisa importante a dizer. Não estamos aqui para brincadeiras.

—Esperai—continuou Barthomeny— aqui está: pás, picaretas, serve isto?

—Quantas há?

—Quatro picaretas e duas pás.

—Que mais?

—Que mais... que mais...—repetia Barthomeny folheando o caderno. —Não vejo mais instrumentos agrícolas.

—Não há enchadões nem um mau arado?

—Não; se te parece pouco serviria uma segadora de última invenção.

—Sim, presta.

—Fazemos uma igual quanto antes...

—disse Forgeot.

—Forgeot, disse Thiron—faz o favor de te calares por agora, que neste assunto não estás no teu meio.

Depois, dirigindo-se para o auditório:

—Quatro picaretas e duas pás é pouca coisa; porém, ao despejarmos o barco um montão de instrumentos que não tem grande utilidade; há além disso a blindagem de La Aretusa; tudo isso pode-nos servir para forjar instrumentos. Aqui há de haver ferreiros; se não há, aprenderemos a forjar e assim poderemos fabricar o que nos falta.

—Eu sou ferreiro—disse uma voz— E eu, e eu, e eu, repetiram outras.

—Então, nada melhor podemos desejar—disse Berthaut—Está esgotado o assunto?

—Já que estamos nele, perguntarei: pôde fabricar-se um arado?

—Nada mais fácil—disse Thiron— Não é preciso um modelo complicado; com a ajuda dos ferreiros e dos carpinteiros encarrego-me de pôr um em marcha.

—Com rodas?

—Não são absolutamente necessárias; podes prescindir-se delas, mas se as tivesse seria muito melhor. Vejamos: há algum carruageiro entre nós?

—e interrogou a multidão com o olhar.

Como ninguém respondesse disse:

—Se não há um carruageiro, é possível que haja algum carpinteiro que possa construir um par de rodas...

—Eu—respondeu um—nunca trabalhei em grande, mas já fiz rodas para carros de criança e julgo poder abastecer-me à construção de outras mais sólidas.

—Bom—disse outro—já há um arado. Mas como será puxado?

—E' verdade!—diziam alguns—não temos bestas de tiro.

—Não importa—disse Thiron—somos bastantes para puxar o arado, o que sempre é mais vantajoso que trabalhar com o enxado.

—Arre, macho!—interrompeu Forgeot, causando muitas risadas.

—Pois adiante—tornou Thiron—temos picaretas, enxados, arado e tudo o que necessitamos. Os que se encarregaram da fabricação não tem mais que entender-se e se precisam de ajuda que digam. Resta a questão do terreno. Por onde começaremos? Para mim—continuou, indicando com o dedo uma clareira do bosque—julgo que ali em baixo, próximo do arroio, é um sítio excelente.

—Eu—disse outro dos agricultores—creio que ali—e indicou um ponto do outro lado do acampamento—naquele

grupo de árvores e palmeiras, teríamos melhor terreno.

—Sim, o pior é que está menos resguardado—replacou Thiron.

—E porque não há de ser ali em baixo, próximo do ribeiro—disse um terceiro, indicando uma colina noutro ponto do horizonte.

—Parece-me muito pedregoso.

—Próximo do arroio poderíamos regar, se fosse necessário.

—Sim; porém, falta saber se o terreno é bom. Já examinei o que indicou e parece-me excelente.

—Não será melhor o que está próximo às árvores? Cheverier e eu percorremos ontem e parece-nos excelente.

—E' necessário derribar muitas árvores, especialmente para abrir o caminho necessário para o pôr em comunicação com o acampamento.

—Não precisamos de árvores para os instrumentos, para construir vivendas mais sólidas e para as mobílias? Pois com um tiro daremos dois golpes. Ali em baixo, próximo da colina, falta espaço; a colina corta o terreno e tinham que se cultivar os dois lados.

—Que importa isso?

—Importa muito, porque se empregarmos menos tempo em trabalhar um campo dum só vez, do que sendo necessário atravessar uma colina para se passar dum campo para outro.

—E tu, com o teu arroio, quem te assegura que não inundará o terreno quando menos esperarmos?

—Ehl companheiros—disse Forgeot—desse modo a discussão faz-se interminável. Se em lugar de perder o tempo

elogiando, não os vossos produtos, mas os terrenos da vossa eleição, se visitassem os três, podiam-se apreciar as vantagens e inconvenientes que cada um apresenta, resolvendo-se então com conhecimento de causa.

—O!—exclamou uma voz—já vejo que não é tão doido como parecias.

E a proposta, que pareceu racional e prática, ficou adoptada, decidindo-se visitar os terrenos na manhã seguinte para se decidir a qual se devia dar a preferência.

IX

No dia seguinte, de madrugada, os colonos estavam dispostos para a faina: era necessário dedicarem-se todos ao trabalho, deixando cada qual saber como dividir o tempo dedicado à colónia e o que poderia empregar a trabalhar por sua conta para se instalar commodamente.

Thibeand, o geólogo, e Ridoux, o que queria antes de tudo explorar a ilha, organizaram a partida dos exploradores. A fim de acelerar o trabalho e também para se pôr de acordo os dois promotores da expedição, decidiram formar dois grupos, dedicando-se cada um a visitar metade da ilha. Cinco ou seis homens para cada grupo seriam suficientes; porém, à pergunta: quem quer tomar na parte a expedição? apresentaram-se vinte homens. Os organizadores viram-se em dificuldades porque não queriam desgastar nenhum, não havendo motivos para escolher um e repelir outros.

—Pensai, companheiros—disse Thibeand—que se trata duma viagem fatigosa, que durará uma dezena de dias, durante os quais será forçado sofrer algumas privações porque, forçados nos próprios a transportarmos as nossas provisões, não tomaremos mais que o indispensável, contando com que o país por nós subministrará a bebida. Não sabemos o que se nos reserva; pode suceder que nos extraviemos e que a viagem dure mais que o previsto, o que nos pôr numa situação crítica se a ilha não nos abastecer de viveres. Por outra parte, uma dezena de homens é suficiente e uma vez que o trabalho não falta aqui, mais lógico é que fiquem os que não sejam necessários para a expedição.

Expostas estas reflexões, dois ou três voluntários consentiram em se retirar; sobravam três ou quatro, mas a coisa não tinha importância. O grupo foi prontamente armado, equipado e provido de viveres, com facas para cortar arbustos, machados para cortar o mato e bússolas para se dirigir. Dividiram-se em dois bandos, que deviam explorar o terreno ao largo das costas e voltar para o interior, tomando um a direita e o outro a esquerda, depois de trocadas muitas aperturas de mão e se despedirem da população.

Por sua parte, os ferreiros e o carruageiro não perdiam o tempo. Este último procurou, encontrando logo em seguida três ou quatro lenhadores para o ajudarem a derribar as árvores que haviam de ministrar a madeira necessária.

A oficina de carpintaria apenas forneceu meia dúzia de machados bastante

fortes para trabalhar utilmente as cortas das árvores; porém o depósito de armas do barco, com os seus machados de abordagem, proporcionou-lhes em abundância para os trabalhos mais ligeiros. Os ferreiros acharam bastante ferro em armazem para os seus primeiros trabalhos, sem necessidade de recorrerem à blindagem de La Aretusa. A oficina dos mecânicos da tripulação forneceu uma forja que a chalupa transportou para terra, onde funcionou internamente ao ar livre. No armazém encontraram-se o resto da ferramentaria, martelos, pinças, pedras de amolar, bigornas.

Um pequeno grupo de cavadores estavam já dispostos a preparar a colheita para a oficina, quando os assuntos se interessavam nos trabalhos da agricultura se puzeram a caminho para os terrenos. Grande número de amadores de agricultura, consideravam que se deviam limitar a seguir as indicações dos mais experimentados elementos alguns a dar sobre o assunto, julgaram inútil assistir à inspecção dos terrenos, preferindo ficar-se na opinião dos competentes, ocupando-se nos trabalhos de utilidade, de melhoria ou de inovação em seu próprio benefício.

(Continua)

OURIVESARIA

A REALIDADE

OURO E JOIAS

Compra e vende por melhor preço

OURIVESARIA

A Realidade

44, Rua Eugénio dos Santos

(Antiga Rua de Santo Antão)

O inverno chega!!

e também tem chegado vários artigos que formam o completo sortido da

"Parisiense"

Chapeus, gravatas, bengalas, camisas, paquitos de malha de lã e algodão, guardanapos para homem e senhora, e um enorme stock de galochas para homem, senhora e criança, recebido dos principais centros comerciais. Recomendamos uma visita a este estabelecimento não só para verificar a veracidade do que se expõe, como também pela forma escrupulosa como são feitas as transacções e a modicidade de preços.

60, Rua Nova do Almada, 62

124, Rua de São Nicolau, 128

TELEFONE-C. 715

As valentes e PERAS

Para a rapaziada

Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7500, 9250 e 93750.

Botas pretas ou de cor a 68750, 83750, 93750.

Botas pretas de vitela americana a 103500, 123500, 133500 e 153500.

Sapatos em pelica para senhora a 68750, 73500 e 83500.

Sapatos em pelica-verniz para senhora a 113500, 123500 e 143500.

Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança

Venham vêr as Valentes

Manda-se calçado para a Província contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Notícias".

Sapataria de S. Roque

LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

TUBO de chumbo novo

para Agua e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavilhas.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas.

Prancheta de ferro 1" x 3/16.

Meia cana 1" 1/2 x 1/2.

Folhas novas de moias.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz pobre completo Stecoport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Dois enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calças de exportação.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52—Tel: C. 4317.

"A Batalha"

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Blass. Um lindo folheto com capa artística, centavos.

A' venda na administração de A BATALHA.

O Decreto n.º 5637 de 10 de Maio de 1919

Obrigou todos os patrões a segurar contra ACIDENTES DE TRABALHO TODOS OS SEUS ASSALARIADOS, (operários, domésticos, trabalhadores rurais, etc.)

Pedir exemplar do Decreto bem como todas as informações sobre este assunto a

A MUNDIAL COMPANHIA DE SEGUROS S. A. R. L.

CAPITAL: 500.000\$000

RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede—RUA GARRET, 95

Agências, serviços médicos e farmacêuticos organizados em todos os pontos do País.

A MUNDIAL foi a primeira Companhia Portuguesa autorizada a explorar o seguro de Acidentes de Trabalho.

Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSORCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS 49—

PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

Quereis fazer economias?

COMPRA NA

Louçaria do Pôço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, canchãos, fialças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em fialça e porcelana.

Variedade em objectos para brindes.

Sortimento em artigos de uso doméstico.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

PREÇOS DA FABRICA

Largo do Pôço Novo, 22 -- Lisboa

(Lado da C. do Combro, defronte da Palmeira)

— ASFALTO —

Execução rápida de qualquer trabalho na província e em Lisboa. Único preservativo contra a humidade e salitre nas paredes.

R. Vitorino Damascio, 16 e 18 (Ao jardim de Santos) 643

Telef. 3799 José A. Alves

NICOLAU GOMES

CORREA

Alfaiate-Mercador

Fornec e or dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portuguezes, do Sul e Sueste, da Caixa dos Operários da Câmara Municipal de Lisboa, da Cooperativa da Fábrica de Material de Guerra.

Variado sortimento de lençóis para homens e senhores, padões da moda, preços limitados.

ALFAIATARIA Especialidade em fatos, sobretudos, capas e casacos da senhora já confeccionados, tudo pelos figurins da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

Aos Marceneiros

CHEGOU nova remessa de folha

Nogueira Mogno

Pau Santo

Sicó-mór

Olho de Perdiz

Carvalho

Madeiras serradas em todas as grossuras, por ter máquina de folha. Sempre em depósito madeiras serradas de todas as qualidades. Estância de madeiras — Largo dos Inglesinhos — Sabino da Silva.

Reumatismo

Seja ele de que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias sentindo-se prontos alívios logo em seguida às primeiras vezes que se usar. Cada tubo 1500, pelo correio mais 200. Vende-se na Travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Estrela) (631)

SIFILIS

Grande descoberta do plantar para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impropriedade do sangue. Contém de pessoas se tem curado. Tratase de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, r/c do-chão, direito, à Esquerda.

OURO!!!

Mais barato e não se paga feição

Só milagre!!!

OURO

Compem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feição.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias

TELEFONE 3676

RAZÃO

(Poemeta social)

O inteligente operário gráfico Alfredo Neves Dias compôs um interessante poemeta social, cujo produto líquido reverte a favor do jornal A Batalha. Trata-se de uma pequenina obra, inspirada e sincera, tecnicamente perfeita, que se lê com agrado, pelas suas passagens atraentes.

RAZÃO

que se apresenta modestamente tem contudo um real valor.

Um folheto impresso em magnífico papel.

Preço \$05 centavos (50 réis)

A' venda na administração de A BATALHA. Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Concurso para praticantes para factor

A partir da presente data, está aberto para a Companhia o concurso para praticantes para factor, devendo os candidatos apresentar os seguintes documentos:

a) Requerimento, em papel commum, dirigido ao Engenheiro Chefe da Exploração, pedindo a admissão, indicando se tem parentesco com algum empregado da Companhia, e, em caso afirmativo, qual o grau desse parentesco;

b) Certidão de idade;

c) Atestado do bom comportamento, passado pela autoridade local da residência habitual do candidato;

d) Carta de exame de instrução primária ou de outras habilitações literárias que porventura tenha;

e) Documentos comprovativos da sua situação militar, no caso de já ter sido reconhecido.

Observações

Os documentos a que se referem as alíneas b), c) e d) devem ser passados pela entidade competente e devidamente autenticados.

Se o candidato tiver parentesco com algum empregado da Companhia (alínea a), deverá juntar ao requerimento uma declaração deste empregado, em papel commum, confirmando o parentesco alegado.

Não serão admitidos candidatos com menos de 16 ou mais de 21 anos de idade. Exceptuam-se os filhos de empregados da Companhia, cujo mínimo é de 15 anos.

Os documentos devem ser endereçados ao Engenheiro Chefe da Exploração (repartição do Pessoal) Santa Apolónia, até 10 de Dezembro, próximo futuro.

Os concursos terão lugar no mês de Janeiro de 1920.

Programa do concurso

Prova escrita de ortografia, caligrafia e redacção;

As 4 operações, com números inteiros, decimais e quebrados;

Regras de três;

Sistema métrico;

Medidas de volume, peso e capacidade;

Conhecimentos gerais de corografia de Portugal;

Redes dos Caminhos de Ferro de Portugal.

Lisboa, 23 de Novembro de 1919.—O Director Geral—Ferreira de Mesquita.

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EXPLORAÇÃO

Concurso para a exploração dos bufetes das estações de Setúbal, Alfaiates, Avelar, Torre das Vargens, Portegre, Elvas, Castelo Branco, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria e Amieira

Até ao dia 5 de Dezembro próximo futuro, às 15 horas, receberá esta Companhia o Director Geral, em Lisboa-Santa Apolónia, em carta fechada, propostas para a concessão e exploração dos bufetes acima indicados, durante o ano de 1920, devendo as mesmas ser endereçadas à Direcção Geral e com a designação exterior de:

Proposta para a exploração do bufete da estação de...

As condições da exploração em que são cedidos os referidos bufetes encontram-se patentes nas respectivas estações e em Santa Apolónia, na Divisão da Exploração.

Lisboa, 13 de Novembro de 1919.

O Director geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

AVISO AO PUBLICO

Encontrando-se os cais da estação de Lisboa-Cavados-Solidão completamente cheios de mercadorias, devido não só a grande afilência de tráfego para aquela estação mas também a morosidade com que alguns consignatários estão refratando as suas remessas, vê-se esta Companhia forçada no intuito de descongestionar a mesma estação, a suspender durante os dias 17 a 22 do corrente, ambos incluídos, o serviço de expedição de remessas com destino a Lisboa Cais dos Soldados, quer em grande quer em pequena velocidade, tanto das estações de Beira Alta e Vale do Vouga.

Lisboa, 15 de Novembro de 1919.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

Biblioteca de A BATALHA

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Vale — Jesus na guerra.....	\$50	Krapotkine: Os bastidores da guerra.....	\$03	Tolstoi: A próxima revolução.....	\$30
Albert — O amor livre.....	\$50	ra.....	\$03	A escravidão moderna.....	\$40
Alfredo N. Dias — A Razão (poemeta social).....	\$05	A conquista do pão.....	\$50	Pão para a boca.....	\$20
Berthelot — Evangelho da Hora.....	\$05	Palavras dum revolucionário.....	\$50	Alcero.....	\$30
Carvalho — Nem Deus nem Diabo.....	\$30	A grande revolução (2 vol.).....	\$100	Varennes — O terrorismo em França.....	\$70
Claro — Oração da fome.....	\$18	Em volta duma vida.....	\$105	Zola: A taberna (3 v.).....	\$120
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.).....	\$100	Anarquia — Sua filosofia, seu ideal.....	\$20	A obra (2 v.).....	\$80
Delais — Os financeiros, os políticos e a guerra.....	\$05	Landauer — A Social Democracia na Alemanha.....	\$02	A terra (2 v.).....	\$80
Delessalle — A Confederação do Trabalho.....	\$03	Leone — O sindicalismo.....	\$50	A alegria de viver (2 v.).....	\$80
E. Silva — Teatro livre e arte social.....	\$05	Libertas — O rei e o anarquista.....	\$03	Loures.....	\$105
Etievart — A minha defesa Gorki:	\$05	Lima (Adolfo): Educação e ensino... O movimento operário em Portugal.....	\$40	A SEMENTEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.....	\$30
Os vagabundos.....	\$40	Malatesta: Em tempo de eleições Entre camponeses... A política parlamentar no movimento socialista.....	\$02	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com óptima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto.....	\$50
Os degenerados.....	\$40	Marx — O capital.....	\$50	Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas.....	\$100
Scenas de família.....	\$40	Molnari — Problemas sociais.....	\$25	FOTOGRAVIAS (em papel couché), de Bakunin, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Paepke, Proudhon, Reclus, Sidermann, Stepaniak, etc.....	\$02
A mãe.....	\$65	Nordau: A mentira religiosa... As mentiras convencionais da nossa civilização (2 vol.).....	\$20	O ZÉ (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919)	\$02
Angustia.....	\$30	Prat e Briand — Sindicalismo e greve geral.....	\$25		
Na prisão.....	\$40	Ribeiro — O sentido de viver (versos).....	\$40		
Os ex-homens.....	\$30	Roland — A Rússia Nova.....	\$10		
		Salgado — Mentiras religiosas.....	\$45		

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º

LISBOA-PORTUGAL